

**ABUNDÂNCIA E MISÉRIA NOS MERCADOS DA CIDADE: LE VENTRE DE PARIS
(1873), DE ÉMILE ZOLA**

**ABUNDANCE AND MISERY IN THE CITY MARKETS: LE VENTRE DE PARIS (1873),
BY ÉMILE ZOLA**

**ABUNDANCIA Y MISERIA EN LOS MERCADOS DE LA CIUDAD: LE VENTRE DE
PARIS (1873), DE ÉMILE ZOLA**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-118>

Data de submissão: 25/01/2026

Data de publicação: 25/02/2026

Ana Cristina Alves de Paula Barreto

Doutoranda em Letras

Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual
Paulista (Unesp-IBILCE) - Câmpus de São José do Rio Preto

E-mail: ana.c.paula@unesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8273-1012>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3739748746381965>

Nelson Luís Ramos

Orientador

Professor Doutor

RESUMO

Este estudo analisou *Le Ventre de Paris* (1873), de Émile Zola, sob a perspectiva teórica de Antoine Compagnon, com especial atenção à tensão entre abundância e miséria nos mercados da cidade. O romance, terceiro da série *Les Rougon-Macquart*, apresenta como cenário principal *Les Halles*, o grande mercado central de Paris, que Zola transforma em metáfora do “ventre” da cidade — um organismo vivo que nutre e devora, simultaneamente. A narrativa acompanha Florent, personagem marcado pela experiência do exílio e pela fome, cujo olhar sobre o mercado serve como fio condutor para a crítica social do autor. O trabalho destacou como Zola, dentro do projeto naturalista, constrói uma escrita que combina rigor documental e força estética. As longas descrições dos alimentos, suas cores e cheiros criam uma atmosfera sensorial que traduz o excesso da modernidade capitalista, ao mesmo tempo em que evidencia a exclusão dos que permanecem à margem do consumo. A oposição entre “gordos” e “magros” — símbolo de poder e privação — estrutura a narrativa e reforça o caráter desigual da ordem social retratada. À luz de Compagnon, enfatizou-se que a obra de Zola não é apenas reflexo da realidade, mas interpretação crítica, capaz de transformar o mercado em alegoria do corpo social e do apetite insaciável da cidade. O estudo também ressaltou o caráter político do romance, que denuncia o controle social e a repressão exercidos pelo Estado, culminando no destino trágico de Florent. Conclui-se que *Le Ventre de Paris* permanece atual ao problematizar as tensões entre abundância e miséria, progresso e exclusão. A obra de Zola revela a modernidade em sua face mais contraditória, oferecendo ao leitor não apenas uma narrativa envolvente, mas também uma reflexão profunda sobre os mecanismos de poder e as desigualdades produzidas pelo capitalismo urbano.

Palavras-chave: Naturalismo. *Le Ventre de Paris*. Émile Zola. Abundância. Miséria.

ABSTRACT

This study analyzes *Le Ventre de Paris* (1873), by Émile Zola, through the theoretical lens of Antoine Compagnon, focusing on the tension between abundance and misery in the city's markets. The novel, the third volume of the *Les Rougon-Macquart* series, is set primarily in *Les Halles*, the great central market of Paris, which Zola transforms into a metaphor for the city's "belly" — a living organism that simultaneously nourishes and devours. The narrative follows Florent, a character marked by exile and hunger, whose gaze upon the market serves as a narrative device for Zola's social critique. The study highlights how Zola, within the naturalist project, constructs a narrative that combines documentary precision with aesthetic intensity. The extensive descriptions of food — their colors, textures, and smells — create a sensory atmosphere that mirrors the excesses of capitalist modernity, while also underscoring the exclusion of those left on the margins of consumption. The opposition between the "fat" and the "thin" — symbols of power and deprivation — structures the narrative and reinforces the unequal social order represented in the novel. Drawing on Compagnon's theory, the analysis argues that Zola's work is not a mere reflection of reality but a critical interpretation that turns the market into an allegory of the social body and the city's insatiable appetite. The study also emphasizes the political dimension of the novel, which exposes social control and state repression, culminating in Florent's tragic fate. The paper concludes that *Le Ventre de Paris* remains strikingly relevant in its problematization of the tensions between abundance and misery, progress and exclusion. Zola's work reveals the contradictions of modernity, offering readers not only a powerful narrative but also a profound reflection on the mechanisms of power and the social inequalities produced by urban capitalism.

Keywords: Naturalism. *Le Ventre de Paris*. Émile Zola. Abundance. Misery.

RESUMEN

Este estudio analizó *Le Ventre de Paris* (1873) de Émile Zola desde la perspectiva teórica de Antoine Compagnon, prestando especial atención a la tensión entre la abundancia y la miseria en los mercados de la ciudad. La novela, la tercera de la *serie Les Rougon-Macquart*, se ambienta en *Les Halles*, el gran mercado central de París, que Zola transforma en una metáfora del "vientre" de la ciudad: un organismo vivo que nutre y devora simultáneamente. La narrativa sigue a Florent, un personaje marcado por la experiencia del exilio y el hambre, cuya mirada al mercado sirve de hilo conductor para la crítica social del autor. La obra destacó cómo Zola, dentro del proyecto naturalista, construye un estilo literario que combina rigor documental y fuerza estética. Las extensas descripciones de los alimentos, sus colores y olores, crean una atmósfera sensorial que traduce el exceso de la modernidad capitalista, a la vez que resalta la exclusión de quienes permanecen al margen del consumo. La oposición entre "gordo" y "delgado", símbolo de poder y privación, estructura la narrativa y refuerza el carácter desigual del orden social retratado. A la luz de la obra de Compagnon, se enfatizó que la obra de Zola no es un mero reflejo de la realidad, sino una interpretación crítica capaz de transformar el mercado en una alegoría del cuerpo social y del apetito insaciable de la ciudad. El estudio también destacó el carácter político de la novela, que denuncia el control social y la represión ejercidos por el Estado, culminando en el trágico destino de Florent. Se concluye que *Le Ventre de Paris* mantiene su relevancia al problematizar las tensiones entre abundancia y miseria, progreso y exclusión. La obra de Zola revela la modernidad en su faceta más contradictoria, ofreciendo al lector no solo una narrativa cautivadora, sino también una profunda reflexión sobre los mecanismos de poder y las desigualdades producidas por el capitalismo urbano.

Palabras clave: Naturalismo. *Le Ventre de Paris*. Émile Zola. Abundancia. Miseria.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Le Ventre de Paris* (1873), de Émile Zola, constitui um dos romances mais emblemáticos do ciclo *Les Rougon-Macquart*, ao retratar a vida nos mercados centrais de Paris durante o Segundo Império. O título já sugere a centralidade desse espaço para o funcionamento da cidade: o ventre é o lugar que alimenta, mas também o lugar que digere, que consome e que, em última instância, excreta. Essa dimensão simbólica permite uma leitura que vai além da descrição documental, explorando as tensões entre abundância e miséria, progresso e exclusão, fartura e fome. Ao abordar essa temática pela ótica de Antoine Compagnon, especialmente a partir de suas reflexões sobre literatura como interpretação e mediação do real, abre-se um campo de análise que considera a complexidade do texto literário e sua função crítica.

O romance acompanha a história de Florent, um homem injustamente preso após os acontecimentos da repressão ao golpe de Estado de 1851 e que retorna a Paris em busca de reintegração social. O contraste entre sua magreza extrema e o excesso de alimentos em *Les Halles* cria uma imagem poderosa, na qual o corpo do personagem se torna metáfora da desigualdade social. A narrativa de Zola, conhecida por seu rigor naturalista, é marcada por descrições exaustivas que transformam o mercado num personagem coletivo, pulsante, cheio de cores, cheiros e sons. Essa abundância literária não é meramente mimética; ela cumpre um papel ideológico, denunciando o desequilíbrio que sustenta a modernidade.

Compagnon, em *O Demônio da Teoria*, lembra que a literatura não é simples reprodução da realidade, mas uma forma de conhecimento que implica sempre interpretação. Assim, Zola não apenas “mostra” *Les Halles*, mas propõe uma leitura desse espaço como símbolo do capitalismo em ascensão. A literatura, nesse sentido, é uma instância de reflexão social, e não apenas um registro. A escolha de Zola por cenas de excesso — que beiram o catálogo — tem o efeito de criar no leitor uma sensação de vertigem, quase de desconforto, que espelha a própria experiência de Florent ao circular por aquele lugar.

A tensão entre o real e sua representação é um dos temas centrais da crítica literária de Compagnon. Para ele, a literatura se situa entre a mimese (imitação do real) e a invenção (criação autônoma), nunca sendo apenas uma ou outra. *Le Ventre de Paris* se encaixa perfeitamente nessa ambivalência: embora Zola tenha pesquisado detalhadamente os mercados e descrito fielmente suas seções — frutas, queijos, carnes, peixes —, o resultado é mais do que uma fotografia literária. O texto ganha um caráter estético próprio, em que a repetição, o acúmulo e a exuberância verbal produzem um efeito de excesso que extrapola o dado empírico.

Outro aspecto relevante, ainda segundo Compagnon, é que a literatura é inseparável de seu contexto histórico, mas não se esgota nele. O romance de Zola é, ao mesmo tempo, um documento sobre a Paris haussmanniana e uma reflexão universal sobre desigualdade, fome e exclusão. O ventre, como metáfora, não pertence apenas ao século XIX, mas ressoa em qualquer tempo em que a abundância de uns convive com a privação de outros. Essa abertura de sentidos é um dos elementos que garantem a perenidade da obra.

A construção narrativa de Zola, ao transformar *Les Halles* em centro simbólico, coloca o mercado como o coração — ou, mais precisamente, o estômago — de Paris. A cidade é apresentada como organismo vivo, que consome incessantemente. Esse recurso alegórico permite que o leitor enxergue a sociedade como um corpo coletivo, no qual cada personagem cumpre uma função. Florent, por sua vez, é o elemento estranho, quase um corpo estranho nesse organismo: sua magreza denuncia a disfunção de um sistema que não distribui equitativamente o alimento.

Essa leitura pode ser enriquecida com a noção de “tribunal literário” sugerida por Compagnon, para quem a literatura é sempre portadora de um juízo, explícito ou implícito. Em *Le Ventre de Paris*, Zola parece julgar a ordem social que produz fome em meio à fartura. A própria experiência sensorial do leitor é uma forma de julgamento: ao sentir a abundância, ele é levado a refletir sobre sua distribuição e sobre quem dela se beneficia.

A polissemia do texto literário, outro conceito caro a Compagnon, é fundamental para compreender o romance. As descrições podem ser lidas de múltiplas maneiras: como celebração da modernidade, como denúncia da desigualdade ou até como um deleite estético autônomo, independente de qualquer mensagem política. Essa multiplicidade de interpretações é constitutiva da literatura e impede uma leitura reducionista, meramente sociológica.

O estilo de Zola, ao acumular detalhes, cria o que poderíamos chamar de um “efeito de excesso”. Essa saturação sensorial não é neutra: ela provoca uma reação estética no leitor, que pode sentir fascínio ou repulsa. Compagnon lembra que a literatura, ao mesmo tempo que representa, transforma o real, e essa transformação tem implicações éticas. Ao fazer o leitor sentir o peso da abundância, Zola também o faz sentir o peso da exclusão.

Outro ponto importante é a relação entre literatura e verdade. Compagnon problematiza a ideia de que o texto literário deve ser lido como documento fiel. No caso de Zola, há um claro compromisso com a observação, mas também uma elaboração artística que dá à realidade uma forma literária. Essa forma é tão importante quanto o conteúdo, pois é ela que cria o efeito de sentido e engaja o leitor.

No plano histórico, *Le Ventre de Paris* insere-se no contexto do Segundo Império, quando Paris passava por grandes transformações urbanísticas e econômicas. Haussmann remodelava a

cidade, e *Les Halles* surgiam como símbolo da modernização. Zola, atento às contradições de seu tempo, faz do mercado o palco onde essas transformações se manifestam de forma mais visível. A abundância exposta nas bancas é fruto do progresso, mas também da exploração e da exclusão.

Compagnon ressalta que a literatura pode ser vista como um espaço de resistência ao discurso hegemônico. O romance de Zola, ao mostrar o reverso da modernização — a fome, o sofrimento dos marginalizados —, funciona como contraponto à narrativa oficial do progresso. É a literatura cumprindo sua função crítica, dando voz ao que o discurso dominante prefere silenciar.

A intertextualidade é outro eixo de leitura que se ajusta bem à análise. Zola dialoga com a tradição literária que o precede, especialmente Balzac, que também fez da cidade e de seus espaços sociais um objeto central de sua ficção. Mas Zola leva adiante o projeto realista, radicalizando-o até os limites do naturalismo, com uma minúcia quase científica. Compagnon lembraria que esse diálogo com a tradição é constitutivo da literatura e a impede de ser vista como simples espelho da realidade.

A dimensão estética de *Le Ventre de Paris* é inegável. As descrições de frutas, verduras e queijos são verdadeiras naturezas-mortas literárias, que poderiam ser comparadas à pintura de Manet ou Courbet. Essa proximidade entre literatura e artes plásticas reforça a ideia de que Zola não quer apenas informar, mas também produzir uma experiência estética que envolve todos os sentidos do leitor.

O corpo humano é outro elemento central no romance. O corpo magro de Florent contrasta com os corpos bem nutridos dos comerciantes e frequentadores de *Les Halles*. Essa oposição é construída de forma simbólica, tornando-se uma metáfora das desigualdades sociais. Compagnon diria que a literatura, ao trabalhar com tais imagens, oferece uma forma de conhecimento que é ao mesmo tempo sensível e intelectual.

A ironia, recurso frequentemente destacado por Compagnon, também está presente em Zola. A fartura quase carnavalesca de *Les Halles* contrasta com o destino trágico de Florent, gerando um efeito irônico que denuncia o absurdo de uma sociedade em que a fome persiste em meio ao excesso. Essa ironia reforça a dimensão crítica do texto.

O romance ainda permite discutir a relação entre indivíduo e sociedade, outro ponto caro à crítica contemporânea. Florent é o indivíduo que não se encaixa, que perturba a ordem e, por isso, deve ser eliminado. O final trágico do personagem confirma a força do corpo social, que expulsa aquilo que considera um elemento disfuncional. Essa dinâmica pode ser lida como alegoria do poder disciplinador da modernidade.

A noção de literatura como “ensaio sobre a realidade”, também presente em Compagnon, ajuda a compreender o caráter experimental do projeto de Zola. Ao escolher *Les Halles* como

microcosmo, o autor realiza uma espécie de experimento social, observando como seus personagens reagem num ambiente saturado de estímulos e marcado por desigualdades.

Por fim, a introdução dessa análise deve destacar que a leitura de *Le Ventre de Paris* sob a ótica de Compagnon não se limita a contextualizar historicamente o romance ou a identificar seu valor documental. Trata-se de reconhecer a literatura como forma de pensamento, que interpreta o real e o oferece ao leitor em forma sensível, convidando-o à reflexão. O estudo da abundância e da miséria no romance, portanto, ganha densidade teórica e revela a atualidade de Zola.

Em suma, esta investigação propõe-se a examinar como Zola articula, por meio de sua escrita exuberante, as tensões entre fartura e privação, e como essa articulação se relaciona com a teoria literária de Antoine Compagnon. Ao fazer isso, pretende-se demonstrar que o romance é não apenas um retrato da Paris do século XIX, mas também uma reflexão universal sobre os mecanismos de inclusão e exclusão que ainda estruturam nossas sociedades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa busca articular a análise literária de *Le Ventre de Paris* (1873), de Émile Zola, às reflexões teóricas propostas por Antoine Compagnon. A opção pela abordagem qualitativa se justifica pelo objeto de estudo: um romance que apresenta dimensões simbólicas, sociais e estéticas que não podem ser reduzidas a dados quantitativos. A interpretação, nesse sentido, é o caminho mais apropriado para apreender o entrelaçamento entre abundância e miséria, fartura e fome, que estruturam a narrativa.

O corpus principal de análise é o próprio romance de Zola, em edição crítica, priorizando as passagens que descrevem *Les Halles* e os episódios em que se evidencia o contraste entre a opulência do mercado e a privação vivida por Florent. Essas passagens serão analisadas de forma detalhada, considerando-se não apenas o conteúdo temático, mas também a construção formal — descrições, ritmo, uso de listas, repetições — que contribuem para o efeito estético de excesso. Tal procedimento é coerente com a perspectiva de Compagnon, que sublinha a inseparabilidade entre forma e sentido no texto literário.

Para fundamentar a análise, a pesquisa mobiliza principalmente *O Demônio da Teoria*, obra em que Compagnon sistematiza a reflexão sobre as principais correntes da crítica literária. Serão destacadas, sobretudo, suas proposições sobre a literatura como mediação entre mimese e invenção, bem como suas considerações sobre a polissemia textual e a abertura da obra literária a múltiplas interpretações. Essa perspectiva permitirá compreender *Le Ventre de Paris* não apenas como

documento histórico, mas como construção estética que produz sentidos para além de seu contexto imediato.

Do ponto de vista teórico, a metodologia assume uma postura dialógica, em que Zola e Compagnon são colocados em interlocução. As categorias críticas de Compagnon não serão aplicadas de forma mecânica, mas servirão de guia para iluminar a análise do romance, destacando como o excesso descritivo de Zola pode ser interpretado como recurso literário que transcende a simples representação. O objetivo é evitar uma leitura reducionista, seja ela meramente sociológica, seja puramente formalista, alcançando uma visão integrada da obra.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque hermenêutico-interpretativo. A análise será conduzida em três etapas principais. Na primeira, proceder-se-á a uma leitura atenta das descrições de *Les Halles*, identificando os elementos de abundância e a maneira como eles são dispostos no texto. Na segunda etapa, será examinada a figura de Florent como corpo marginal, cuja magreza se opõe à fartura do mercado e funciona como índice de crítica social. Ao final, será realizada uma interpretação das tensões entre progresso e exclusão, buscando evidenciar a função crítica da literatura, em sintonia com a noção compagnoniana de que todo texto carrega um juízo implícito.

Outro aspecto metodológico relevante é a consideração da intertextualidade, conceito central para Compagnon. A análise levará em conta o diálogo de Zola com a tradição realista e naturalista, bem como suas possíveis aproximações com a pintura realista de sua época. Essa abordagem permitirá ampliar a compreensão do romance, inserindo-o num horizonte mais amplo de produção cultural e mostrando como ele participa de uma rede de textos e imagens que constroem uma visão de mundo.

Para garantir o rigor interpretativo, a pesquisa seguirá o método do *close reading*, privilegiando a leitura minuciosa de trechos significativos e evitando generalizações precipitadas. A *close reading* possibilita perceber os detalhes estilísticos que produzem efeitos de sentido, aspecto fundamental para uma análise que busca destacar a literariedade da obra, em consonância com a ênfase de Compagnon na materialidade do texto.

A metodologia ainda prevê a consulta a estudos críticos sobre Zola e sobre o naturalismo, de modo a contextualizar a análise no estado da arte da pesquisa acadêmica. Esses diálogos com a crítica secundária servirão para verificar em que medida a abordagem proposta converge ou diverge das leituras tradicionais, reforçando o caráter inovador do estudo.

Além disso, a pesquisa fará uso de conceitos da crítica cultural para situar o romance no contexto socioeconômico do Segundo Império francês. Compagnon lembra que a literatura é simultaneamente autônoma e histórica; assim, a metodologia buscará articular essas duas dimensões, evidenciando como Zola constrói um retrato da modernidade que é, ao mesmo tempo, singular e representativo de uma experiência coletiva.

Desta feita, a metodologia adota uma perspectiva crítica que reconhece a dimensão ética da literatura, conforme sugerido por Compagnon. Ao analisar como o romance confronta o leitor com o espetáculo da abundância em meio à miséria, pretende-se explorar o potencial da literatura como forma de pensamento que questiona a ordem estabelecida e provoca reflexão sobre as contradições sociais. Essa dimensão crítica é entendida como parte constitutiva da obra e será tratada como elemento central da interpretação.

4 VIDA E OBRA DE ÉMILE ZOLA

Consoante *O livro da literatura* (2016, p. 190),

O naturalismo foi um movimento literário que evoluiu em meados do séc. XIX na França, reagindo à imaginação sentimental do romantismo. Em vez de retratar um mundo idealizado, o naturalismo se concentrava nas condições precárias das camadas sociais mais baixas. Tinha muito em comum com o realismo, que buscava apresentar uma visão precisa da vida cotidiana, como exemplificado em *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. O naturalismo teve ambições literárias parecidas e empregava o realismo detalhista, mas foi enraizado na teoria de que os humanos são incapazes de transcender o impacto de seu ambiente. Portanto, os autores naturalistas aplicavam princípios quase científicos de objetividade e observação para analisar como as personagens reagiam quando colocadas em condições adversas. Com efeito, toda ficção naturalista é também realista, mas o inverso nem sempre é verdade. A figura principal do movimento naturalista foi o escritor francês Émile Zola.

Émile Zola (1840-1902) foi uma das figuras mais centrais da literatura francesa do século XIX e um dos principais representantes do movimento naturalista. Nascido em Paris, mas criado em Aix-en-Provence após a morte precoce do pai em 1847, Zola viveu uma juventude de dificuldades financeiras que influenciaria sua visão crítica da sociedade. Sua formação intelectual foi marcada pelo contato com escritores e artistas que compunham os círculos realistas da época, e sua trajetória literária se consolidou a partir da década de 1860, quando começou a publicar contos e ensaios em jornais.

A obra de Zola está profundamente enraizada na realidade social de seu tempo. O autor se propôs a realizar um vasto projeto literário, reunido sob o título *Les Rougon-Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*. Essa série de vinte romances buscava analisar, à maneira de um cientista, os efeitos da hereditariedade e do meio social sobre os indivíduos

de uma mesma família ao longo de várias gerações. A ambição de Zola era construir uma “comédia humana” naturalista, que revelasse as leis biológicas e sociais que regem o comportamento humano.

Para Zola, o escritor era um observador quase experimental, que deveria dissecar a realidade com o mesmo rigor de um cientista. Essa concepção literária foi influenciada pelas teorias de Hippolyte Taine e pelo positivismo de Auguste Comte, que defendiam a análise sistemática dos fenômenos humanos e sociais. Em seu ensaio *Le Roman Expérimental* (1880), Zola expõe de maneira clara esse programa, defendendo que o romance deveria ser um laboratório onde o escritor analisa os efeitos das paixões e circunstâncias sobre seus personagens.

No entanto, reduzir a obra de Zola a uma simples aplicação de métodos científicos seria um equívoco. Sua escrita é marcada por um impressionante vigor estético, por descrições de grande força imagética e por uma sensibilidade que ultrapassa o registro documental. Os mercados de Paris em *Le Ventre de Paris*, as minas sufocantes de *Germinal*, ou o tumulto das multidões em *La Débâcle* são descritos com uma potência literária que faz do texto algo mais do que um experimento: torna-o experiência sensorial e estética para o leitor.

Ainda de acordo com *O livro da literatura* (2016, p. 191),

Dominado por Zola, o naturalismo literário foi um movimento de vida relativamente curta na Europa, mas floresceu nos Estados Unidos, onde autores como Stephen Crane, Jack London, Theodore Dreiser e Upton Sinclair exploraram de diversas formas os efeitos do ambiente sobre seus personagens.

[...] Na série *Rougon-Macquart*, todas as personagens principais descendem de uma única matriarca, Adelaïde Fouque. Por meio delas, Zola explora suas teorias da hereditariedade – a forma como características herdadas, como alcoolismo e loucura, desenvolvem-se de maneira diferente, porém inexorável, geração após geração.

A série *Les Rougon-Macquart* aborda uma ampla variedade de temas: a política e a repressão (*La Fortune des Rougon*), o poder religioso (*La Conquête de Plassans*), o capitalismo e o comércio (*Au Bonheur des Dames*), a degradação moral (*Nana*), as lutas operárias (*Germinal*), e as crises militares e nacionais (*La Débâcle*). Esse projeto ambicioso transforma a obra de Zola em um verdadeiro painel da sociedade francesa sob o Segundo Império, examinando tanto suas instituições quanto suas contradições.

Zola também foi uma figura de engajamento político, o que se expressa de forma exemplar no famoso episódio do Caso Dreyfus, no qual um soldado judeu foi erroneamente acusado de traição. Em 1898, publicou no jornal *L'Aurore* o célebre artigo “*J’Accuse*”, denunciando o antissemitismo e as falhas judiciais que levaram à condenação injusta do capitão Alfred Dreyfus por traição. Esse gesto custou caro ao escritor, que foi processado e exilado na Inglaterra por um período. Sua atuação, contudo, consolidou sua imagem como intelectual engajado e defensor da justiça.

A produção literária de Zola foi recebida com entusiasmo e polêmica. Por um lado, foi reconhecido como inovador e mestre do romance moderno, influenciando escritores na França e no exterior. Por outro, sofreu críticas de setores conservadores e da Igreja, que viam na crueza de suas descrições e na exposição de vícios sociais uma ameaça à moral pública. Essa ambivalência revela o impacto cultural de sua obra, que não se limitou ao campo literário, mas provocou debates sobre ciência, política, moral e estética.

A linguagem de Zola é marcada por um estilo que combina precisão descritiva e exuberância verbal. Seu gosto pelas enumerações e pelas listas extensas cria um efeito de acumulação que traduz, no nível formal, a própria lógica de excesso e saturação da modernidade capitalista que ele retrata. Essa característica estilística será particularmente relevante para a análise de *Le Ventre de Paris*, no qual a opulência de *Les Halles*, o enorme e movimentado mercado central de Paris do século XIX, é descrita com riqueza de detalhes, como se fosse um grande quadro de natureza-morta em movimento.

O protagonista é Florent, um prisioneiro político fugitivo erroneamente preso após o golpe francês de 1851. Ele reencontra o seu meio-irmão Quenu, um açougueiro e sua esposa Lisa Quenu (anteriormente Macquart), com quem ele encontra refúgio e consegue um emprego no mercado como inspetor de peixes. Depois de se envolver em uma conspiração socialista ineficaz contra o Império, Florent é preso e deportado novamente.

O impacto de Zola ultrapassa o século XIX. Seu projeto naturalista influenciou escritores como Eça de Queirós e Aluísio Azevedo no Brasil, bem como autores de outras literaturas nacionais. A crítica contemporânea tem revisitado sua obra não apenas para compreender o naturalismo como movimento literário, mas também para analisar suas representações da cidade, do corpo, do desejo e das contradições sociais — temas que continuam pertinentes.

Assim, a vida e obra de Émile Zola representam um ponto de inflexão na literatura ocidental, consolidando o romance como forma de reflexão social e estética. Ao mesmo tempo em que insere o homem no contexto das forças históricas e biológicas que o moldam, Zola oferece ao leitor uma experiência literária de grande densidade, que combina ciência, arte e crítica social. Sua produção permanece como testemunho e interpretação da modernidade, o que justifica sua permanência no centro dos debates literários e acadêmicos até hoje.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES – ABUNDÂNCIA *versus* MISÉRIA NA OBRA *LE VENTRE DE PARIS* (1873)

De acordo com o site *Sortir a Paris*,

O apelido “o ventre de Paris” não surgiu de uma estratégia de marketing, mas reflete uma realidade bastante concreta: durante séculos, o bairro das Halles foi o principal mercado da cidade, o local onde, todas as noites, chegavam os alimentos destinados a abastecer os parisienses.

No coração do 1.º arrondissement, bem próximo à atual La Canopée, erguiam-se enormes pavilhões metálicos construídos no século XIX, durante o reinado de Napoleão III. Carne, peixe, legumes, queijos, pães... foi aqui que os comerciantes abasteciam as ruas de Paris com produtos frescos.

Desde o amanhecer, a animação era visível: cestas empilhadas, comerciantes clamando, aromas de café expresso e croissants recém-saídos do forno mesclando-se no ar... O bairro pulsava ao ritmo dos desejos e apetite dos Parisienses. O romancista Émile Zola não deixou passar essa atmosfera despercebida ao retratar esse universo em seu livro *O ventre de Paris* em 1873.

No auge de sua atividade, *Les Halles* recebia até 20.000 trabalhadores todos os dias, num movimento contínuo de caminhões, açougueiros, peixarias e agricultores urbanos. Lá, encontrava-se de tudo o que se come — e muito mais ainda. O local era tão central, tão essencial para a vida parisiense, que o apelido de “barriga” veio naturalmente à tona.

Porém, essa concentração de vida também tinha seus contras: insalubridade, congestionamentos e poluição.

Publicado em 1873, *Le Ventre de Paris* é o terceiro romance do ciclo *Les Rougon-Macquart*, de Émile Zola, e constitui uma das obras mais ricas em termos de construção descritiva e de representação simbólica. Situado no coração de Paris, nos mercados de *Les Halles*, o romance transforma esse espaço urbano em palco de tensões sociais, políticas e existenciais. Ao narrar a trajetória de Florent, um exilado que retorna à cidade após anos de prisão, Zola cria um enredo em que a fartura material convive com a privação humana, revelando a face contraditória do progresso.

“(...) os Mercados, quadrados, uniformes, aparecem como uma máquina moderna, desmesuradamente gritante, como uma enorme máquina a vapor, uma caldeira destinada a digestão de um povo, ventre gigantesco de metal, feito de madeira, cavilhado, rebitado, de vidro e de ferro fundido, de uma elegância e de uma potência de motor mecânico, funcionando com o calor da fornalha, a vertigem, o impulso ciclópico das rodas” (Zola, 2016, p. 32)

O ponto de partida do romance é o retorno de Florent à capital, depois de escapar do degredo na Guiana, para onde fora injustamente enviado após o golpe de Estado de 1851. A figura de Florent é central para a crítica social de Zola: sua magreza extrema, fruto da fome e do sofrimento, contrasta com o excesso de alimentos expostos nos mercados. Desde o início, o romance articula a oposição entre corpo faminto e abundância urbana, criando um efeito de estranhamento que persiste ao longo da narrativa. Por consequência,

a fome nunca mais o deixara. Ele bem investigava nas suas recordações, não se relembrava de uma hora de fartura. Tornara-se seco, encolhera-se lhe o estômago, trazia a pele colada aos ossos. (Zola, 2016, p.16)

Les Halles, reconstruídas por Baltard e Haussmann, são apresentadas como o “ventre de Paris”, um organismo vivo que alimenta toda a cidade. Zola descreve minuciosamente suas seções, a variedade de mercadorias e o movimento incessante de trabalhadores e compradores. Essa descrição é tão minuciosa que chega a ter caráter quase enciclopédico, funcionando como um inventário da produção alimentar parisiense. O resultado é uma espécie de “catedral do consumo”, um espaço que celebra a abundância, mas que, ao mesmo tempo, denuncia a desigualdade.

A construção de *Les Halles*, no contexto do Segundo Império, representa o triunfo da modernidade e da racionalização urbana. O ferro e o vidro da estrutura simbolizam o avanço tecnológico, e a distribuição ordenada dos produtos reflete a lógica do progresso. Contudo, Zola não se limita a registrar o espetáculo dessa modernização: ele revela suas contradições, mostrando que nem todos são beneficiados por essa fartura. Florent, outsider do sistema, sente-se deslocado e, em muitos momentos, nauseado diante do excesso.

A famosa cena da “sinfonia dos queijos”, devido às suas engenhosas metáforas orquestrais, é exemplar do estilo de Zola e de sua crítica social. O escritor dedica páginas inteiras à descrição de queijos de diferentes tamanhos, formatos, cores e odores, criando um verdadeiro painel sensorial. O efeito é de saturação: o leitor quase sente o cheiro forte e a gordura das peças descritas. Mas, ao lado do fascínio, há também um sentimento de opressão. O excesso se torna sufocante, e Florent sente-se esmagado por aquela abundância, incapaz de usufruí-la.

O enredo se desenvolve em torno da tentativa de Florent de reconstruir sua vida. Ele encontra abrigo com sua cunhada Lisa Quenu, esposa de seu meio-irmão, Quenu, um açougueiro estabelecido em *Les Halles*. Lisa representa a classe burguesa satisfeita, que encontra na ordem do Segundo Império o ambiente propício para prosperar. Ela é um contraponto a Florent: bem nutrida, acomodada e defensora do status quo.

Quando Florent vê sua cunhada pela primeira vez, por exemplo, observa que ela “tomava a largura da porta, não sendo, contudo, demasiado gorda, colo forte, na maturação dos trinta anos” (p.43). Essa oposição entre os dois personagens simboliza o embate entre a ordem e a subversão, a fartura e a fome, o centro e a periferia.

Já Quenu, o irmão de Florent, também “reparou na magreza, na miséria do irmão” (p.45), enquanto este constatou que Quenu

[...] efetivamente estava gordo, gordo demais para os seus trinta anos. Transbordava na sua camisa, no seu avental, nas suas roupas brancas, que o vestiam como se fosse um boneco enorme. A sua face rapada alongara-se, tomara, com o tempo, uma longínqua semelhança com o focinho daqueles porcos, daquela carne, em que as suas mãos mergulhavam e revolviavam o dia inteiro (p.45)

Florent acaba se envolvendo com um grupo de conspiradores republicanos, mas sua natureza idealista e frágil contrasta com a brutalidade da política do período.

Finalmente, Florent retomou a política. Sofrera muito pela política, a fim de que ela não viesse se tornar sua ocupação principal da sua vida. Se não fora o meio ambiente e as circunstâncias, ele contentar-se-ia em ser um bom professor de província, desfrutando a paz da sua modesta cidade. Mas havia sido tratado como lobo, encontrando-se agora como que marcado pelo desterro para ser um elemento de combate. O seu mal-estar neurótico não era outra coisa além do despertar dos seus prolongados êxtases de Caiena, das suas aflições em face das torturas imerecidas, dos seus propósitos de vingar ainda a humanidade tratada a chicote e a justiça calcada a pés. Os Mercados colossais, os alimentos exuberantes e forte haviam acelerado a crise. Pareciam-se lhe o animal satisfeito e a mastigar. Paris de tripa e tudo, digerindo a sua gordura, apoiando cegamente o império. Punham em derredor dele colos imensos, rins disformes, rostos redondos como argumento continuados contra a sua magreza de mártir, o seu rosto pálido de descontentamento. Era o ventre do comerciante, o ventre de média honestidade, abastecendo feliz, lúcido ao Sol, achando que tudo ia às mil maravilhas, que nunca as pessoas de hábitos moderados haviam engordado tão excelentemente. Então, viu-se de punhos juntos, pronto para entrar em luta, mais nervoso pela recordação do seu exílio do que se encontrara quando retornara a França (p.152).

A conspiração falha, e ele é novamente denunciado e preso. A repetição de sua exclusão confirma o caráter implacável do sistema social que Zola descreve: quem não se adapta ao organismo social é expulso, como se fosse um corpo estranho. Assim, o romance adquire uma dimensão quase biológica, em que a cidade funciona como um grande corpo que se autopreserva.

Zola expõe, ao final da obra, explicitamente sua tese político-corporal através da personagem Cláudio, que explica a Florent:

– Conhece a batalha dos Gordos e dos Magros? – indagou-lhe em seguida: Florent, surpreendeu-se e respondeu que não. Então Cláudio tornou-se entusiasmado e falou dessa série de estampas com muitos louvores. Enumerou vários episódios: os Gordos, imensos, a rebentarem, cuidando das glotonices da noite, ao passo que os Magros, curvados ao peso cotidiano dos jejuns olhavam para a rua, com uma cara de postes cobiçosos; acontece que, os Gordos, a mesa com suas enormes bochechas avermelhadas a expulsarem um Magro que tivera a petulância de se introduzir sorrateiramente, e que parece um palito pendido no meio de um povo de galinhas. E o que se compreendia nisso tudo era o drama humana; terminou dando a classificação dos homens em Magros e Gordos, dois grupos distintos e hostis, devorando-se um ao outro, tornando mais redondo o ventre e gozando.

– Certamente – afirmou ele – Caim foi Gordo e Abel um Magro. Desde que se verificou o primeiro assassinio, foram sempre as pavorosas fomes que chupavam o sangue dos pobres comedores... é uma permanente comilança do mais fraco pelo mais forte, cada um glutindo o vizinho amigo ao mesmo tempo sendo devorado por este. Tome nota disso, meu amigo, não confie nos Gordos. (...) Nós dois, meu amigo, somos Magros, compreende... Ora, diga-se, com ventres batidos, mirrados como os nossos, podemos ocupar muito lugar ao Sol? Florent fitou as duas sombras, sorrindo. Mas Cláudio irritava-se. Gritava: - Você faz mal em achar graça nisto. Eu sofro por ser Magro. Se eu fosse um Gordo, poderia pintar sossegadamente, teria um maravilhoso atelier, venderia os meus quadros por bom preço. Em vez disso, sou um Magro, digo que extermino o meu temperamento de desejar encontrar coisas que nem ao menos abalam os Gordos. Por esse motivo, hei de morrer, estou certo disso, com a pele grudada nos ossos, tão chato que até me podem colocar depois no meio de duas folhas de um livro para me enterrarem... E você, então? Você é um Magro surpreendente, o rei dos Magros, juro. Recorda-se da sua briga com as peixeiras? Era fenomenal ver aqueles

colos gigantescos a solta contra o seu peito deprimido; e faziam isto por instinto, perseguiam o Magro, como os gatos caçam os ratos... Em princípio, entende, um Gordo tem pavor de um Magro, tanto que experimenta a necessidade de o afastar de sua frente a dentada ou a pontapé. É por isso que, no seu lugar, eu tomaria as minhas precauções. Os Quenu são Gordos, as Méhudin são Gordas, enfim, voce só tem ao seu redor Gordos. Se fosse comigo, estaria preocupado. – E Gavard, e a Saget, e o seu amigo Marjolin? – indagou Florent que continuava sorrindo. – Oh! Se quer – retorquiu Cláudio – eu vou classificar-lhe todos os nossos conhecimentos. Há bastante tempo que eu tenho no meu atelier as cabeças de todos eles num cartão, com a indicação da ordem da qual eles fazem parte. É todo um capítulo de história natural... Gavard é um Gordo, mas um Gordo que tem a pretensão de ser Magro. A variedade é muito vulgar... A senhora Saget e a senhora Lecoeur são Magras, mas são variedades a qual devemos temer, Magros desesperados, capazes de tudo para engordarem... O meu amigo Marjolin, a Cadine, a Sarriete, três Gordos, ingênuos ainda, tendo as estimáveis fomes da mocidade. É preciso notar que o Gordo, enquanto não envelhece, é um ser encantador... O senhor Lebigre, um Gordo, não é assim? Quanto aos seus amigos políticos, são quase sempre Magros, Charvet, Clemencia, Logre, Lacaille. Só merece exceção esse grande estúpido do Alexandre e o sobrenatural Robine (p.235-236)

A abundância dos mercados, nesse sentido, é ambivalente. Ela é sinal de vitalidade, mas também de crueldade. Zola utiliza o mercado como metáfora do ventre que digere tudo: produtos, pessoas, ideias. Florent, por não se integrar, é digerido e excretado pelo sistema. A fartura, que deveria significar bem-estar coletivo, aparece como mecanismo de exclusão. Esse paradoxo está no cerne do romance e é o que lhe dá densidade crítica.

As descrições de alimentos têm, portanto, função narrativa e simbólica. Não se trata apenas de realismo descritivo, mas de criar uma atmosfera sensorial que envolva o leitor. Ao acumular detalhes, Zola produz um efeito de excesso que comunica a ideia de saturação social. O leitor é colocado na posição de Florent, sentindo-se, ele também, esmagado pela opulência. Esse recurso transforma o texto em experiência estética, indo além do simples registro documental.

A própria estrutura de *Les Halles*, com suas divisões rigorosas, espelha a racionalização do mundo moderno. Cada tipo de alimento ocupa seu espaço específico, cada atividade é ordenada. Essa organização transmite a ideia de progresso, mas também de vigilância e controle. Zola sugere que a modernidade não é apenas libertadora, mas também disciplinadora. A cidade, como organismo, exige que todos se encaixem em seu funcionamento.

O romance é, assim, um estudo sobre a ordem e a desordem. Lisa é o símbolo da ordem satisfeita; Florent, o elemento perturbador. As descrições dos alimentos e das bancas funcionam como metáfora dessa ordem, que precisa ser mantida a qualquer custo. Quando Florent tenta subverter o sistema, ele ameaça essa harmonia aparente e, por isso, é eliminado. O romance, portanto, não tem um desfecho conciliador: reafirma a força do corpo social.

Outro aspecto importante é o papel das mulheres no romance. Lisa, ao lado de outras personagens femininas, é descrita como forte, sólida, cheia de vida. Sua corpulência contrasta com a magreza de Florent e reforça a oposição entre abundância e privação. O corpo feminino, associado à

fertilidade e à nutrição, torna-se símbolo de continuidade, enquanto o corpo masculino de Florent representa fragilidade e ruptura.

A crítica social de Zola é sutil, mas incisiva. Ele não apresenta uma revolução como solução para a miséria, mas evidencia o mecanismo social que reproduz a desigualdade. *Les Halles* aparecem como o lugar onde se manifesta de forma mais clara a contradição entre o progresso econômico e a persistência da exclusão. O leitor é levado a refletir sobre as bases desse progresso, que se sustenta sobre o sofrimento dos que não têm acesso aos benefícios da modernidade.

O romance também é uma reflexão sobre o olhar. Florent é um observador, quase um *flâneur*, que percorre os mercados e observa seus movimentos. Esse olhar estrangeiro permite que o leitor veja *Les Halles* de uma perspectiva crítica, não como algo natural ou dado. Zola convida o leitor a estranhar a realidade e a perceber o que está por trás da superfície de ordem e fartura.

A linguagem de Zola contribui para essa percepção crítica. Suas enumerações intermináveis e seu vocabulário sensorial criam um efeito de profusão que, ao mesmo tempo, encanta e incomoda. O excesso verbal é intencional: ele espelha o excesso material e provoca no leitor a sensação de que há algo desproporcional naquele mundo. Essa estratégia narrativa é um dos pontos altos do romance.

O contraste entre fome e abundância também tem uma dimensão política. Florent representa os ideais republicanos derrotados, os vencidos da história, enquanto *Les Halles* simbolizam a vitória da ordem imperial. O romance mostra que o progresso econômico não veio acompanhado de justiça social. Ao contrário, consolidou uma nova burguesia satisfeita, que vigia e reprime qualquer tentativa de mudança.

O romance não se limita à denúncia. Ele também explora a dimensão trágica da vida social. Florent é uma figura trágica, cujo destino está selado desde o início. Sua fome não é apenas física, mas também moral e política: ele tem fome de justiça, de liberdade. Essa fome o coloca em conflito com um mundo que valoriza a saciedade e a estabilidade. Ao final, sua derrota é a vitória da ordem, mas também a reafirmação de que a história é feita de exclusões.

Zola utiliza ainda o contraste cromático como recurso literário. As carnes vermelhas, os queijos amarelos, as verduras verdes criam um quadro visual vibrante. A cor, no entanto, não é apenas decorativa: ela reforça a vitalidade do mercado, sua pulsação orgânica. Em contraste, Florent é descrito em tons pálidos, quase descoloridos, como se sua presença fosse uma sombra no meio daquela explosão de vida.

A cena em que Florent circula pelas diferentes seções de *Les Halles* é quase um ritual de iniciação. Ele passa por carnes, peixes, legumes, queijos, como se percorresse as entranhas da cidade. Cada etapa o confronta com um aspecto da abundância, até que ele se sente sufocado. Essa travessia

simboliza seu enfrentamento com a realidade do Segundo Império, uma realidade que o exclui e o rejeita.

O romance também explora a dimensão olfativa da experiência urbana. Os cheiros fortes dos peixes e queijos, descritos com minúcia, contribuem para criar uma atmosfera que é ao mesmo tempo sedutora e repulsiva. O leitor, como Florent, é levado a sentir a intensidade desse mundo sensorial, a ponto de quase enjoar. O excesso sensorial funciona, assim, como metáfora da saturação social.

A abundância descrita por Zola tem algo de carnavalesco, de festa popular. Mas é uma festa da qual Florent não participa plenamente. Ele é espectador, nunca convidado. Essa exclusão reforça o tema central do romance: a fartura é privilégio de alguns, e a presença dos famintos é apenas tolerada enquanto não ameaça a ordem. Quando ameaça, é eliminada.

Do ponto de vista estrutural, o romance combina momentos de descrição estática com episódios de ação narrativa. As longas descrições criam a sensação de que o tempo se suspende, como se o mercado fosse eterno. Já os episódios de conspiração e prisão devolvem ao texto o ritmo da história, mostrando que o destino de Florent está sujeito às forças políticas. Essa alternância dá dinamismo à obra e impede que ela se torne um mero inventário.

A presença do humor e da ironia também merece destaque. Zola, ao descrever o excesso de queijos, por exemplo, parece divertir-se com a proliferação de detalhes. Essa ironia cria um distanciamento crítico, permitindo que o leitor perceba que a abundância pode ser também grotesca. O mercado é, ao mesmo tempo, espetáculo e caricatura, celebração e crítica.

O romance tem ainda uma dimensão sociológica. *Les Halles* são um microcosmo da sociedade francesa: ali se encontram burgueses, operários, comerciantes, carregadores, mendigos. Cada um cumpre seu papel, e Zola mostra como as relações sociais se reproduzem nesse espaço. A desigualdade é visível, mas é aceita como parte da ordem natural das coisas, o que reforça a crítica implícita do autor.

Outro aspecto relevante é o papel da vigilância social. Florent é constantemente observado, e qualquer comportamento suspeito é rapidamente denunciado. Essa vigilância faz parte do mecanismo de autopreservação do corpo social. Zola sugere que a abundância exige controle: é preciso evitar que o excesso seja perturbado por elementos desestabilizadores. A prisão de Florent é, assim, apresentada como restauração da ordem.

Do ponto de vista estético, *Le Ventre de Paris* é um exemplo magistral de como a literatura pode transformar um espaço urbano em personagem. *Les Halles* não são apenas cenário, mas motor da narrativa. Seu ritmo, suas cores, seus cheiros influenciam o comportamento das personagens e

determinam o destino de Florent. A cidade, desse modo, é tão protagonista quanto qualquer personagem humano.

A oposição entre gordura e magreza, fartura e fome, atravessa todo o romance. Lisa e os comerciantes representam a gordura da sociedade, sua satisfação; Florent é a magreza que incomoda, que denuncia o desequilíbrio. Essa oposição é explorada por Zola com grande habilidade, tornando-se um dos símbolos mais potentes da obra. O corpo, nesse contexto, é um texto que revela a posição social do indivíduo.

Ao final, o romance reafirma a força do sistema. Florent é novamente enviado ao degredo, e a vida em *Les Halles* continua como se nada tivesse acontecido. O mercado permanece pulsando, indiferente ao destino individual. Essa indiferença é um dos pontos mais sombrios da crítica de Zola: o progresso avança, mas o sofrimento dos marginalizados não abala a estrutura social.

Assim, *Le Ventre de Paris* é uma obra que combina realismo descritivo, crítica social e vigor estético. Sua análise da abundância e da miséria revela que o progresso material pode conviver com a injustiça e que a fartura de alguns é construída sobre a privação de outros. Ao fazer do mercado o centro da narrativa, Zola cria uma poderosa metáfora da sociedade moderna, com suas promessas e suas exclusões.

Por fim, a leitura do romance mostra que a literatura pode funcionar como instrumento de reflexão sobre a realidade. Zola não oferece soluções, mas convida o leitor a sentir, a ver, a cheirar a Paris de seu tempo e, assim, a tomar consciência das contradições que estruturam a vida social. Essa dimensão crítica, que transforma o leitor em testemunha, é um dos elementos que asseguram a atualidade de *Le Ventre de Paris*.

6 CONCLUSÃO

As considerações finais de um estudo sobre *Le Ventre de Paris* devem, antes de tudo, reconhecer a magnitude do projeto literário de Émile Zola e a relevância dessa obra para a compreensão da sociedade francesa do Segundo Império. A representação do mercado central de *Les Halles* como o “ventre” da cidade não é apenas uma metáfora descritiva, mas uma chave interpretativa para entender Paris como organismo vivo, pulsante, capaz de nutrir e, simultaneamente, devorar seus habitantes.

A tensão entre abundância e miséria, que atravessa o romance de ponta a ponta, é o elemento central da crítica social de Zola. Ao mostrar a fartura de alimentos, exposta em vitrines e bancas como espetáculo sensorial, o autor enfatiza a contradição entre a opulência da modernidade e a exclusão dos que permanecem à margem, incapazes de acessar aquele banquete urbano. Essa dialética é

encarnada de maneira exemplar na experiência de Florent, cujo olhar faminto torna-se o ponto de vista privilegiado para o leitor.

Zola não se limita a narrar uma história de sobrevivência individual, mas constrói uma verdadeira etnografia literária do mercado, examinando suas estruturas econômicas, sua organização social e sua função simbólica. *Les Halles* aparecem como o coração do capitalismo parisiense, um espaço onde o comércio não é apenas transação de mercadorias, mas também espaço de poder, vigilância e controle.

Ao mesmo tempo, a escrita de Zola transforma o mercado em um espetáculo estético. A enumeração de queijos, carnes, peixes e legumes possui um efeito visual e sensorial que convida o leitor a experimentar a cidade de forma quase tátil. Essa abundância estética, contudo, tem um efeito ambivalente: fascina pela beleza, mas também oprime pelo excesso, criando no leitor um sentimento de saturação que reflete o mal-estar de Florent.

A narrativa revela ainda a dimensão política de *Les Halles*. Não se trata apenas de um espaço neutro de circulação de bens, mas de um território onde se definem alianças, conflitos e hierarquias sociais. O fracasso de Florent em subverter essa ordem mostra como a cidade, em sua estrutura econômica e social, é capaz de absorver ou expulsar os indivíduos que não se adaptam ao seu ritmo e às suas regras.

Nesse sentido, *Le Ventre de Paris* pode ser lido como um romance da derrota. A personagem central é vencida não por inimigos pessoais, mas pela lógica impessoal da cidade-capital, que privilegia a ordem, o consumo e o lucro em detrimento da solidariedade e da justiça. O destino de Florent reforça a leitura do romance como um diagnóstico das desigualdades produzidas pelo capitalismo em expansão.

A dimensão simbólica da obra é igualmente relevante. Ao falar de ventre, Zola evoca não apenas o centro geográfico de Paris, mas também o inconsciente coletivo da cidade, seu apetite insaciável. A abundância, que à primeira vista parece sinal de progresso, é também prenúncio de uma violência estrutural: a cidade se alimenta daqueles que não podem dela participar.

Do ponto de vista estilístico, o romance é um exemplo do projeto naturalista em sua maturidade. Zola aplica o método que teorizou em *Le Roman expérimental*, construindo personagens e situações que ilustram os efeitos do meio e das circunstâncias históricas sobre o indivíduo. Contudo, a obra vai além do simples determinismo: há também uma dimensão trágica que confere densidade humana a Florent e o aproxima de um herói clássico.

A descrição dos alimentos, que ocupa longas páginas, tem ainda um valor intertextual. Como apontaria Antoine Compagnon, Zola não apenas documenta o real, mas dialoga com a tradição

literária que o precede, levando a estética da descrição ao extremo. As listas intermináveis de produtos criam um efeito literário que ultrapassa a mera mimese, instaurando uma linguagem própria, capaz de dar forma ao caos do mercado.

O romance também problematiza o lugar do escritor na sociedade. Ao retratar Paris em toda sua materialidade, Zola assume a tarefa de cronista e crítico de seu tempo. Sua obra não é neutra: é carregada de juízo, de interpretação e de uma preocupação ética. A literatura, nesse sentido, cumpre uma função social ao revelar o que o discurso oficial tende a ocultar — a desigualdade, a fome, a exclusão.

A abundância, por sua vez, é uma personagem em si mesma. Ela domina o espaço narrativo, invade o texto, impõe seu peso. A fartura dos alimentos não é apenas pano de fundo, mas força dramática que coloca Florent diante de seu fracasso e de sua impotência. O excesso de comida torna-se cruel justamente porque se dá em contraste com a fome de quem olha sem poder consumir.

No mesmo movimento, Zola propõe uma crítica ao mito do progresso. O mercado moderno, resultado de um projeto urbanístico de racionalização da cidade, não resolve o problema da escassez para todos, apenas o transforma em espetáculo. O leitor é convidado a refletir sobre a face oculta desse progresso, que é excludente e seletivo.

As personagens secundárias, que representam diferentes estratos sociais, também reforçam essa crítica. As peixeiras, os açougueiros, os mercadores formam uma comunidade que, embora viva do excesso, reproduz as hierarquias e o conservadorismo que mantêm Florent à margem. Não há solidariedade de classe suficiente para subverter a ordem — a lógica do mercado vence.

Por isso, *Le Ventre de Paris* é um romance que questiona a própria ideia de justiça social. O final trágico de Florent mostra que a cidade pune aqueles que não se enquadram em sua normalidade. A prisão e o exílio são, nesse contexto, metáforas da exclusão estrutural que recai sobre os “magros”, aqueles que não participam do banquete da modernidade.

O romance é, assim, uma obra de profunda atualidade. A desigualdade econômica, a espetacularização do consumo e a invisibilidade dos excluídos continuam a ser temas centrais do mundo contemporâneo. Ler Zola hoje é uma forma de compreender que essas tensões são constitutivas da modernidade e não meros acidentes históricos.

O enredo de *Le Ventre de Paris*, ao mesmo tempo simples e simbólico, oferece ao leitor uma experiência de leitura que combina prazer estético e reflexão crítica. A beleza da prosa zoleaniana não suaviza o impacto do diagnóstico social: ao contrário, o torna mais pungente. O leitor sai do romance com uma sensação de desconforto, de que o mundo retratado continua a existir.

A análise das oposições — gordos e magros, abundância e fome, centro e periferia — revela que o romance é estruturado sobre contrastes, o que confere dinamismo à narrativa. Essa estrutura binária serve para ressaltar as desigualdades, transformando o texto em um espaço de denúncia e de debate.

Nesse sentido, a leitura de Zola pode ser enriquecida pelas reflexões de Antoine Compagnon, que nos lembram que a literatura é sempre interpretação e não simples espelho do real. *Le Ventre de Paris* é um exemplo de como o romance naturalista ultrapassa a função documental e se torna uma forma de pensamento, uma maneira de questionar o mundo.

As considerações finais, portanto, reforçam a ideia de que *Le Ventre de Paris* é uma obra de grande valor literário e sociológico. Ao unir rigor descritivo, força estética e crítica social, Zola cria um texto que permanece relevante para leitores e pesquisadores interessados em compreender a relação entre literatura e sociedade.

Em última análise, o romance nos lembra que a abundância e a miséria não são polos isolados, mas faces de um mesmo processo histórico. Ao colocar o leitor diante dessa contradição, Zola cumpre a função mais nobre da literatura: provocar reflexão, desestabilizar certezas e abrir espaço para o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- BERGOUNIOUX, Alain. Zola et les écrivains naturalistes. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- BROOKS, Peter. Realist vision. New Haven: Yale University Press, 2005.
- CANTON, James (org.). O livro da literatura. São Paulo: Globo, 2016.
- COMPAGNON, Antoine. Literature, theory, and common sense. Princeton: Princeton University Press, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- HOBSBAWM, Eric. A era do capital: 1848-1875. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- PITTOCK, Murray. Literature and the politics of postmodernism. London: Routledge, 2003.
- TAINE, Hippolyte. Filosofia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ZOLA, Émile. Le Ventre de Paris. Paris: Gallimard, 2002. (Collection Folio Classique).
- ZOLA, Émile. O romance experimental. São Paulo: Perspectiva, 1982. (Coleção Debates).
- ZOLA, Émile. O Ventre de Paris. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Editora Martin Claret, 2016.